

## 20 - Ixodidoses em cervídeos brasileiros

Calheiros, D.F.<sup>1</sup>; Maldonado, A.L.L.<sup>1</sup>; Medeiros, L.C.<sup>1</sup>

1- Médicos Veterinários do Vetimagem do Centro de Diagnóstico Veterinário, Unidade Pompéia, São Paulo-SP

O sangue dos animais domésticos e selvagens pode ser parasitado por diversos agentes patogênicos e não patogênicos. Estes parasitas sanguíneos incluem numerosas espécies de protozoários, bactérias e vírus. A maioria destes é carregada por artrópodes, especialmente carrapatos da família *Ixodidae*, e estão presentes na corrente sanguínea de seus hospedeiros, causando diversas alterações patológicas. A transmissão dos microrganismos circulantes ocorre durante a alimentação destes artrópodes hematófagos, portanto ruminantes, tanto domésticos quanto selvagens são comumente infectados, dentre estes os cervídeos, que são ponto principal de estudo neste trabalho, que tem como objetivo fazer um levantamento da ixodofauna em cervos brasileiros. A importância de se conhecer as espécies de carrapatos dos cervídeos se dá pela recente modificação do panorama de exploração zootécnica, onde houve um aumento das interações entre animais selvagens, domésticos e o homem contribuindo para o aparecimento novas relações parasita-hospedeiros, ou seja, novas espécies de animais podem servir como hospedeiros dos carrapatos e dos patógenos carregados por eles, aumentando ainda mais os riscos de transmissão para o homem. Todas as espécies de carrapatos referidas como parasitas de cervídeos no Brasil são pertencentes à Ordem *Ixodida*, Super-Família *Ixodoidea*, Família *Ixodidae*, sendo identificados quatro gêneros: *Amblyomma*, *Boophilus*, *Haemaphysalis* e *Ixodes*. O levantamento da ixodofauna em cervos brasileiros foi feito tomando como base trabalhos de vários autores realizados nos anos de 1997 a 2000, em diferentes regiões brasileiras, mostrando que estes animais servem de hospedeiros para inúmeras espécies de carrapatos, sendo vetores de patógenos sanguíneos carregados por estes artrópodes, e por viverem em proximidades com os animais domésticos e o homem, constituem uma fonte de risco. Não se tem estudos acumulados que permitam dizer como controlar com eficiência essas ixodidoses nos cervídeos, agravando ainda mais o problema.

## 21 - Uso de pino intramedular na reparação de fraturas de ossos longos em psitacídeos: arara-azul (*Anodorhynchus hyacinthinus*), arara-canindé (*Ararauna*) e papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*)

Castro, P.F.<sup>1</sup>; Matera, J.M.<sup>1</sup>; Fantoni, D.T.<sup>1</sup>; Guimarães, M.B.<sup>1</sup>; Madeira, A.M.B.N.<sup>1</sup>

1- Hospital Veterinário da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo-SP

O uso de pino intramedular (IM) para fixação de fraturas em pequenos animais iniciou em 1940 e foi adquirindo popularidade com o advento da anestesia geral segura, técnicas assépticas, antibióticos e ciência dos resultados bem sucedidos que foram sendo observados, permanecendo como a forma mais comum de fixação interna na cirurgia veterinária ortopédica em todo o mundo. Grandes avanços ocorridos na cirurgia ortopédica de aves demonstraram que o uso de métodos de estabilização que anteriormente acreditava-se não ter indicação para a reparação de fraturas em aves, se devidamente modificados em virtude da fragilidade óssea peculiar a esta classe de animais, apresentam bons resultados. O comportamento natural e nível de atividade da ave, o requerimento funcional do membro afetado, o tipo de injúria e o osso envolvido são fatores considerados na escolha pelo método de fixação a ser utilizado. Uma pequena perda da função do membro em pássaros de companhia é aceitável, principalmente em psitacídeos que usam o bico como instrumento para a sua locomoção, enquanto para aqueles de vida livre um completo retorno à função deve ser alcançado. A fixação interna é aquela que apresenta maior chance de obter redução da fratura com um alinhamento anatômico correto, fundamental para um rápido

preenchimento do defeito pelo calo, direcionando os sistemas haversianos para a consolidação primária e minimizando os danos às estruturas adjacentes. Sua obtenção envolve a restauração do comprimento original do osso, alinhamento axial e orientação rotacional. Forças compressivas, rotacionais, de flexão e de cisalhamento devem ser consideradas quando se estabiliza uma fratura, assim como mínimo trauma aos tecidos moles e ao suporte vascular e muscular do osso. Frequentemente a injúria ao tecido mole associada a uma fratura é mais provável de resultar na perda da função e consolidação retardada que a fratura por si só. Pássaros são particularmente propensos a desenvolver anquilose, atrofia muscular, contratura de tendão e envolvimento de tendões e ligamentos dentro do calo ósseo associados ao tratamento da fratura com imobilização externa, acompanhado de mau alinhamento da mesma. Pinos IM para fixação interna são familiares a maioria dos veterinários, relativamente econômicos, requerem pequena exposição cirúrgica, permitem alinhamento axial e contrabalançam as forças de flexão, porém não contraagem com as forças de rotação e de cisalhamento. Afirma-se que o peso dos pinos IM afeta o vôo, que sua proximidade à articulação apresenta tendência para causar fibrose periarticular e anquilose, que podem ainda causar injúria à vasculatura, tendão ou ligamento e significante alteração no padrão de crescimento ósseo, resultando em disfunção parcial do membro, sendo indicada a sua remoção cirúrgica o mais breve possível. Relatamos o uso de pino IM na reparação de fratura em um úmero, um fêmur e um tibiotarso de 3 papagaios e em dois tibiotarso de 2 araras operados no Serviço de Cirurgia de Pequenos Animais do HOVET-FMVZ/USP. Nos 5 casos houve evolução favorável com formação de calo ósseo, retorno à função normal e ausência de qualquer complicação às articulações, tendões ou ligamentos, apesar de não removidos os pinos posteriormente, mostrando tratar-se de técnica segura, adequada, e desde que cuidadosamente realizada pode ser indicada como método de fixação interna para fraturas em ossos longos dos pássaros.

## 22 - Alterações clínicas da Síndrome de Emagrecimento Progressivo de Sagüis mantidos em cativeiro

Sá, L.R.M.<sup>1</sup> & Duarte, M.IS.<sup>2</sup>

1- Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo-SP

2- Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo-SP

Na rotina de clínica de pequenos animais é crescente o número de atendimentos a animais selvagens mantidos como pets. Neste contexto, é importante o conhecimento de afecções específicas de algumas espécies mantidas em cativeiro por proprietários particulares, dentre elas os sagüis. A Síndrome de Emagrecimento Progressivo (SEP) é uma das principais causas de morbidade e mortalidade de sagüis mantidos em cativeiro de diversas coleções no mundo, incluindo no Brasil. Esta enfermidade, apesar do tratamento instituído, apresenta evolução longa e, frequentemente, fatal. Mesmo com a elevada casuística apontada na literatura, a etiologia desta síndrome ainda não está estabelecida. Assim, o diagnóstico definitivo desta patologia é, muitas vezes, difícil, pois os sintomas são progressivos, inespecíficos e podem confundir o clínico. O presente trabalho visa a caracterizar qualitativamente as principais alterações clínicas observadas em sagüis com SEP. Foram examinados clinicamente 50 sagüis, de ambos os sexos, adultos e jovens, mantidos em cativeiro no Criadouro Mucky, Jundiá – SP, que apresentavam alterações clínicas sugestivas de SEP, no período de janeiro de 2000 a outubro de 2001. O exame clínico se constituiu da avaliação da temperatura interna, da condição corpórea (peso e distribuição da musculatura), das mucosas aparentes, do turgor cutâneo, da auscultação cardio-pulmonar, da palpação abdominal, da locomoção e dos reflexos proprioceptivos. Os exames foram realizados duas vezes por semana até o óbito do animal. Todos os animais foram medicados de forma semelhante, com antibióticos,